



PEREGRINOS PORQUE CHAMADOS

*“A esperança não decepciona porque o amor de Deus foi
derramado em nossos corações”*

(Rm 5, 5)

SUBSÍDIO PARA AS ESCOLAS CATÓLICAS

80
ANOS



ANEC

Sumário

Apresentação	3
Mês vocacional 2025	4
Formação e aprofundamento	
Projeto de vida e discernimento vocacional	6
Quatro perguntas sobre vocações	15
Sugestões para vivenciar o mês vocacional	
Dimensão da identidade	19
Dimensão do sentido	20
Dimensão do serviço	21
Dimensão da transcendência	22
Recursos	
Oração do mês vocacional	24
Outros recursos	25

Apresentação

“Peregrinos porque chamados” é o tema que inspira o Mês Vocacional 2025, em sintonia com o Jubileu da Esperança vivido por toda a Igreja. Movidos pelo lema “A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações” (Rm 5,5), somos convidados a redescobrir a vocação como caminho de fé, de amor e de compromisso com o mundo. Somos todos peregrinos, porque todos fomos chamados — a viver, a amar, a servir e a construir sinais do Reino de Deus no tempo presente.

Este subsídio foi preparado pelo Setor de Animação Pastoral da ANEC para ajudar as escolas católicas a viverem o mês de agosto como um tempo forte de cultivo vocacional, envolvendo estudantes, educadores e famílias. O material oferece pistas concretas, atividades criativas e fundamentos teológicos e pedagógicos que unem identidade, sentido, serviço e transcendência.

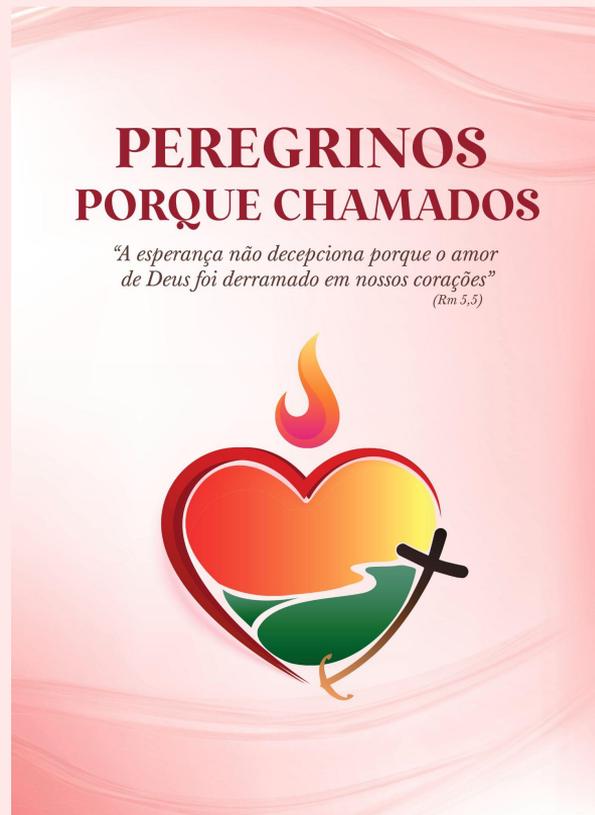
Que este caminho ajude nossas comunidades escolares a reconhecer, com esperança e alegria, que cada vida é uma vocação — e que somos todos chamados a caminhar juntos, como peregrinos do amor de Deus, no coração da história.

Mês vocacional 2025: “Peregrinos porque chamados”

O tema do Mês Vocacional 2025, “Peregrinos porque chamados”, destaca dois predicados da vocação cristã: peregrinos, que remete à imagem do caminho e do itinerário vocacional (despertar, discernir, acompanhar e cultivar), e chamados, que expressa a ação de Deus que convida cada pessoa a dar uma resposta de fé. A peregrinação, composta por etapas, exige especial atenção ao discernimento.

O Papa Francisco convida a Igreja a reconhecer sinais de esperança presentes no mundo, especialmente nos jovens, que são portadores de sonhos e representam a possibilidade de um mundo melhor. A animação vocacional deve ajudar essa nova geração a não desistir de sonhar.

A identidade visual do Mês Vocacional apresenta uma estrada sinuosa que simboliza a caminhada vocacional, com elementos do céu, da terra e da vida cotidiana, ressaltando a universalidade da vocação cristã. As cores quentes e terrosas evocam o calor humano e a presença divina ao longo da jornada.



Formação e aprofundamento

Projeto de Vida e o discernimento vocacional

A importância do projeto de vida na escola católica

Falar de vocação em uma escola católica é convidar os estudantes a se colocarem diante de si mesmos, do mundo e de Deus, reconhecendo-se como pessoas chamadas a viver com um horizonte de sentido que ultrapassa a mera escolha profissional. Nesse sentido, o projeto de vida não pode ser pensado apenas como uma ferramenta pedagógica, mas como uma linguagem existencial que entrelaça identidade, liberdade, responsabilidade e esperança.

Na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o projeto de vida é considerado eixo central das práticas escolares do Ensino Médio, como expressão do protagonismo juvenil e da formação integral. Ele representa o que os estudantes almejam, constroem e ressignificam ao longo da vida, em diálogo com suas potencialidades, valores e contextos sociais.

Cabe à escola, nesse processo, criar espaços intencionais de escuta, acolhimento e mediação, ajudando o jovem a se reconhecer como sujeito único, chamado a existir plenamente e a intervir com lucidez e compromisso na realidade que o cerca.

Nas escolas católicas, essa proposta ganha uma densidade ainda maior ao ser planejado como caminho de discernimento vocacional. Numa proposta de integração entre pedagógico e pastoral, as abordagens do projeto de vida na escola católica devem buscar um “tom” que não reforce a visão de profissão como mera ascensão social, mas deve orientar-se pela busca da realização humana. A vocação é entendida, na perspectiva cristã, como um chamado amoroso de Deus à vida, à amizade com Ele e ao serviço aos outros (cf. *Christus Vivit*, 248-254). Dessa forma, o projeto de vida não se limita a uma escolha pragmática sobre “o que fazer”, mas se aprofunda como resposta à pergunta essencial: “para quem sou eu?” (cf. *Christus Vivit*, 286).

O papel da escola, portanto, é o de cultivar nos estudantes a coragem de sonhar numa época em que os sonhos são rasos e mesquinhos - “quero ser rico”, “quero ter sucesso”. Isso passa pela tomada de consciência de sua dignidade e pela abertura a escutar a própria interioridade, as interpelações do mundo e o chamado de Deus. Para isso, a escola precisa ser um ambiente onde se pode pensar sobre o ser, sobre o bem comum, sobre a justiça, a felicidade coletiva e a construção de um mundo melhor, rompendo com visões reducionistas de sucesso ou produtividade.

Elementos do projeto de vida numa perspectiva vocacional

Embora as propostas pedagógicas do mercado educacional tratem do projeto de vida como escolha de uma profissão ou elaboração de metas de curto prazo, em uma escola católica esse processo precisa ser guiado por uma visão mais profunda da existência, em que a vida é compreendida como vocação e caminho. Isso implica considerar quatro dimensões essenciais, que se entrelaçam e se fortalecem mutuamente: identidade, sentido, serviço e transcendência.

Identidade: quem sou eu diante de Deus, de mim e do mundo?

O primeiro passo de um projeto de vida vocacional é a descoberta de si mesmo. Antes de perguntar “o que devo fazer?”, o jovem precisa escutar, em profundidade: “Quem sou eu?” Essa pergunta, tão decisiva, é a mesma que Jesus fez aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que eu sou?” (Mt 16,13). Ao fazê-la, Jesus não buscava aprovação externa, mas iniciava um processo pedagógico de revelação e amadurecimento da fé — tanto deles quanto d’Ele mesmo. Assim também, cada estudante é convidado a trilhar esse caminho de autoconhecimento que não é vaidade ou introspecção vazia, mas vocação à verdade de si diante de Deus.

Muitas vezes, no ambiente escolar, tentamos abordar o autoconhecimento a partir de categorias simplificadas: luzes e sombras, forças e fraquezas, estilos de aprendizagem ou perfis de comportamento. No entanto, conhecer-se à luz da fé é muito mais do que isso. É reconhecer-se como criatura amada, portadora de um mistério que nem sempre se explica com lógica, mas que pulsa com perguntas, memórias, feridas, sonhos, desejos, intuições e graças.

A wooden signpost stands on the left side of a gravel path that forks into two directions. The sign is dark brown with the word "Vocação" written in white, cursive script. The path is surrounded by green grass and small rocks, leading into a dense forest of tall evergreen trees under a cloudy sky.

Vocação

A parábola da moeda perdida (Lc 15,8-10) pode ser vista como uma bela metáfora desse processo: há algo precioso que se perdeu dentro de nós, e é preciso acender a lâmpada da fé, varrer o chão da interioridade e procurar com atenção até reencontrar o que parecia esquecido — nossa essência mais verdadeira, nossa imagem de filhos e filhas de Deus.

Nesse processo, a escola católica é chamada a ser espaço seguro e luminoso, onde cada estudante possa ser quem é e quem está se tornando. Isso exige o cultivo de vínculos de confiança, de práticas que respeitem ritmos, de uma pedagogia que não rotule, mas acompanhe. A identidade não se constrói isoladamente: ela emerge no encontro com os outros, especialmente com os diferentes. É no diálogo com a diversidade e no enfrentamento das desigualdades que muitos jovens passam a compreender quem são, de onde vêm e o que querem transformar.

Uma escola que cuida da identidade de seus estudantes é aquela que reconhece o valor sagrado de cada existência e assume o compromisso ético e espiritual de ajudá-los a recuperar a “moeda perdida” de sua dignidade, da sua história e da sua vocação. Porque só quem sabe quem é poderá, um dia, descobrir com liberdade e fé, para quem é.

Sentido: por que existo? O que dá valor à minha vida?

Sem sentido, não há projeto de vida. E quando falta sentido, tudo se esvazia — os estudos, os vínculos, o futuro. Muitos jovens vivem hoje imersos em uma cultura da indiferença, marcados por sentimentos de invisibilidade, desânimo ou desesperança, como se a vida tivesse se tornado um percurso sem direção, onde não há nada que valha realmente a pena.

Na perspectiva cristã, no entanto, o sentido da vida não é fruto do acaso, nem se resume a metas externas. A vida humana é vocação, e seu sentido mais profundo está no chamado de Deus a viver em plenitude. Santo Agostinho expressou isso com clareza: *“Fizeste-nos para Ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti.”* A felicidade verdadeira — a *beata vita* — é essa vida em Deus, que nos conhece, nos ama e nos chama. É dessa fonte que brota o verdadeiro sentido: saber-se desejado, chamado e enviado.

Essa visão é reafirmada pelo Papa Francisco em *Gaudete et Exsultate*, ao recordar que a vocação à santidade é o destino de todos: não como uma elite espiritual, mas como caminho concreto de sentido e plenitude para cada pessoa, onde quer que ela esteja. Ser santo é viver em união com Cristo, permitir que a própria história se transforme em resposta, e que tudo — trabalho, estudo, dor, amizade, amor — se torne caminho de transfiguração.

Assim, ajudar um estudante a reencontrar o sentido da sua existência é um dos mais belos gestos pedagógicos e pastorais que uma escola católica pode realizar. E isso não se faz com fórmulas prontas, mas com presença, escuta e confiança. Mostrando que, mesmo em meio às dúvidas e quedas, há um chamado maior que atravessa tudo — o chamado à santidade, que é também o chamado à felicidade.

Em tempos de fragmentação, hiperconexão e cansaço interior, muitos jovens não sabem mais para onde ir — e nem se vale a pena ir. Por isso, é urgente criar espaços escolares em que se possa perguntar, sem medo: Por que existo? Qual é o meu lugar? Há algo maior para mim? E, mais ainda, em que se possa ouvir, com fé: Sim, há um projeto maravilhoso de Deus para a tua vida. Não estás aqui por acaso.

O sentido da vida não é algo a ser inventado, mas algo que se revela no amor gratuito de Deus e na missão que Ele confia a cada pessoa. Como afirma *Gaudete et Exsultate*, a santidade não tira a alegria da vida — pelo contrário, é ela que nos torna mais vivos, mais humanos e mais fecundos para o mundo. É o amor encarnado no cotidiano que dá sentido a tudo.

Serviço: para quem sou eu? O que posso oferecer ao mundo?

Um projeto de vida verdadeiramente vocacional nunca se encerra na busca de autorrealização individual. Ao contrário, ele encontra sua plenitude no amor doado, na entrega generosa, na participação na vida do outro. No coração da experiência cristã, descobrimos que a vida é missão — e a missão é sempre um movimento para fora de si. Como recorda o Papa Francisco: *“Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”* (*Christus Vivit*, 254). Esse reconhecimento muda radicalmente o modo como compreendemos nossos desejos, talentos, escolhas e planos.

Do ponto de vista teológico, a missão nasce da própria identidade de Deus: um Deus que é amor, e que se doa. Toda vocação autêntica é, por isso, participação na missão de Cristo, o Filho enviado pelo Pai, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida” (cf. Mc 10,45). O serviço, então, não é apenas uma consequência ética da fé, mas a forma mesma como a vocação se realiza. Ser é ser-para — para Deus e para os irmãos.

Nesse horizonte, ajudar os estudantes a reconhecerem seus dons como serviços à comunidade, à Igreja e ao mundo é uma das tarefas mais nobres da escola católica. Quando a escola propõe o serviço como eixo do projeto de vida, ela ajuda a formar uma consciência vocacional madura, que não busca apenas o próprio bem-estar, mas se pergunta constantemente: *“O que posso fazer pelos outros?”*, *“Como posso contribuir para um mundo mais justo, mais fraterno, mais semelhante ao Reino de Deus?”*

A relação com o trabalho, por exemplo, precisa ser ressignificada. O trabalho, no contexto da fé cristã, não é apenas um meio de sobrevivência nem um degrau de status social. É espaço de vocação, de colaboração com Deus na criação e redenção do mundo. Quando exercido com liberdade interior, consciência ética e desejo de servir, o trabalho torna-se expressão concreta do amor — e caminho de santificação. Nesse sentido, a escola é chamada a educar não apenas para o sucesso profissional, mas para a oferta vocacional do próprio ser, ajudando os estudantes a perceberem que sua presença no mundo não é neutra, e que suas escolhas têm impacto real sobre a vida dos outros.

Essa educação para o serviço precisa ser encarnada no cotidiano escolar: na cultura da partilha, na empatia nas relações, na abertura ao sofrimento alheio, na solidariedade ativa com os que mais sofrem. É aí que o Evangelho se torna carne, que a fé se torna vida, e que a escola se converte, de fato, em espaço de formação para o discipulado missionário.

A vocação cristã, enfim, não é um privilégio reservado a poucos, mas uma convocação amorosa para todos — uma convocação para sair de si e colocar-se à disposição do Reino. A escola que educa para essa lógica do dom, da comunhão e do serviço, não forma apenas profissionais ou cidadãos, mas testemunhas do Evangelho, pessoas que vivem como “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14) em todos os ambientes da vida.



Transcendência: o que me move para além de mim? Para onde estou indo?

Sem transcendência, a vida perde profundidade. E, sem profundidade, o projeto de vida se esvazia — reduzido a metas utilitárias, desejos de consumo ou fugas do sofrimento. Ao contrário, quando o projeto de vida é enraizado na fé, ele se abre à dimensão espiritual da existência, conectando o jovem com os grandes mistérios que atravessam a experiência humana: o amor e a dor, o tempo e a morte, o desejo e o destino, a liberdade e a vocação.

A transcendência não é um “extra” religioso ou um sentimento subjetivo. Ela é o eixo que unifica a vida e a orienta para além do imediato. É o que nos faz perguntar: Qual é o meu lugar na história? Existe um sentido último para tudo o que sou e vivo? No coração cristão, essa pergunta é respondida por uma certeza: não estamos sozinhos. Existe um Deus que nos conhece, nos ama e nos chama pelo nome (cf. Is 43,1).

É essa convicção que sustenta o discernimento vocacional. Como afirma o Papa Francisco, “a tua vocação é a resposta a um chamado de amor, feito por Alguém que te olha como amigo e sonha contigo um caminho de plenitude” (cf. *Christus Vivit*, 287-289). A vocação, nesse sentido, não é apenas um projeto racional ou uma escolha estratégica: é um responder amorosamente a um Amor que nos precede. E isso só é possível quando cultivamos uma escuta atenta, uma interioridade amadurecida, uma vida aberta ao Mistério.

Por isso, a escola católica é chamada — mais do que nunca — a ser um lugar de cultivo da transcendência. Em meio ao barulho e à aceleração do mundo contemporâneo, ela deve oferecer espaços de silêncio, oração, contemplação e escuta. Lugares onde o jovem possa parar, respirar, refletir, se perguntar, encontrar-se consigo mesmo e com Deus. Como no caminho de Emaús, onde o Senhor caminha ao lado dos discípulos tristes e confusos, a escola é esse lugar onde Cristo se revela no partir do pão, na Palavra partilhada, na escuta mútua, no ardor que queima o coração (cf. Lc 24,13-35).

Cultivar a transcendência é também ajudar o estudante a romper com a lógica do provisório, da superficialidade e da autossuficiência. É despertar nele o desejo de uma vida com propósito, marcada pela fidelidade, pela esperança e pela confiança. Nesse horizonte, a transcendência não nos aliena, mas nos humaniza. Liberta-nos da tirania do “agora” e nos permite fazer escolhas com sentido e profundidade. Ajudar os jovens a tocar essa dimensão do mistério é talvez o maior presente que uma escola católica pode oferecer. Porque, no fim das contas, como ensinava Santo Agostinho, só quem encontra o sentido último da vida em Deus poderá viver com liberdade, alegria e verdade.



Por que é tão difícil abordar o projeto de vida em perspectiva vocacional na escola católica?

A proposta de trabalhar o projeto de vida numa perspectiva vocacional — que articula identidade, sentido, serviço e transcendência — é belíssima, mas na prática, costuma ser um dos maiores desafios das escolas católicas hoje. Apesar de seu caráter formativo e evangelizador, muitas vezes ela se vê limitada por fatores estruturais, culturais e até mesmo por paradigmas educacionais que ainda não se atualizaram diante da complexidade do mundo juvenil contemporâneo.

Vivemos um tempo em que o perfil das juventudes mudou radicalmente. Os estudantes chegam à escola com novas linguagens, múltiplas referências culturais, formas diversas de viver a afetividade, a espiritualidade e o pertencimento. Em muitos casos, expressam-se com ousadia, questionam certezas e recusam os modelos prontos de sucesso, felicidade e moralidade. Não raro, enfrentam conflitos familiares, sobrecarga emocional, ausência de horizontes e pressões que os fazem amadurecer cedo demais.

Ao mesmo tempo, paradoxalmente, a busca por sentido nunca deixou de existir — ela apenas se expressa de modos mais fragmentados, silenciosos ou até contraditórios. Muitos jovens estão sedentos por referências, por vínculos significativos, por uma espiritualidade encarnada que os ajude a compreender quem são e qual o seu lugar no mundo. Porém, não encontram na escola um espaço seguro para expressar suas dúvidas existenciais, suas crises de fé ou seus sonhos não padronizados.

O grande desafio, portanto, é que a escola católica muitas vezes ainda opera com modelos de vocação, espiritualidade e sucesso que não dialogam com as experiências reais dos jovens. Fala-se da importância do discernimento, mas não se abre espaço para o silêncio. Prega-se a missão, mas não se reconhece a angústia. Celebra-se o protagonismo, mas os estudantes são pouco ouvidos. Trabalha-se o projeto de vida como disciplina ou atividade isolada, sem conexão com o currículo, com a pastoral ou com a vida concreta dos sujeitos.

Além disso, há uma tentação constante de reduzir o projeto de vida ao plano de carreira ou à escolha profissional, ignorando que muitos jovens sequer conseguem sonhar, tamanha a pressão social e a desigualdade. Outros já trabalham desde cedo e não veem espaço para imaginar alternativas. Há ainda os que vivem angústias profundas sobre o futuro e precisam, antes de tudo, de cuidado, escuta e confiança.

Diante disso, a escola católica é chamada a fazer um movimento de escuta e conversão institucional. Precisa superar a lógica da mera instrução e da normatividade, abrindo-se para uma cultura do cuidado, do diálogo e do acompanhamento vocacional como processo formativo. Não se trata de abandonar a identidade cristã, mas de atualizá-la com coragem e sensibilidade, como pede o Papa Francisco, para que o anúncio vocacional seja realmente Boa Notícia para as juventudes de hoje.

O projeto de vida, nesse cenário, não pode ser uma obrigação curricular nem um recurso de marketing, mas uma oportunidade real de formação integral, de despertar interior, de construção de sentido, de fé encarnada, de serviço concreto. E isso exige da escola não apenas novos materiais, mas novas atitudes, novas escutas e novos vínculos com os estudantes.

Quatro perguntas sobre vocações para uma escola católica

A escola católica, enquanto lugar de evangelização, cultura e formação integral, é também um espaço privilegiado de cultivo vocacional. No entanto, nem sempre esse aspecto é vivido com intencionalidade, criatividade e coerência. Às vezes, as vocações são abordadas de forma reduzida — restritas ao sacerdócio e à vida religiosa — ou tratadas apenas em momentos pontuais, sem atravessar o cotidiano escolar.

Para ajudar cada comunidade educativa a refletir com profundidade sobre sua responsabilidade vocacional, propomos quatro perguntas fundamentais. Elas podem servir como ponto de partida para formações internas, reuniões pedagógico-pastorais ou projetos integrados.



1. Como a escola ajuda seus estudantes a descobrir para que e para quem vivem?

A vocação não começa com a escolha de uma carreira ou de um estado de vida. Ela começa com a experiência de ser chamado à vida, ao amor, à missão. A escola favorece essa descoberta? Estimula os jovens a se perguntarem sobre o sentido da existência? Ensina-os a se colocarem diante da vida com responsabilidade e liberdade?

2. O que estamos comunicando sobre vocação — explícita ou implicitamente — na rotina escolar?

Toda escola comunica, mesmo quando não fala. Que imagem de sucesso, de felicidade, de realização pessoal está presente em nossos discursos, premiações, eventos e expectativas? Estamos formando para o Reino ou apenas para o mercado? Valorizamos apenas quem se destaca academicamente, ou também quem serve com generosidade, escuta com empatia, partilha com alegria?

“A tua vocação orienta-te para tirares fora o melhor de ti mesmo, para a glória de Deus e para o bem dos outros.”

(Christus Vivit, 257)

3. Damos visibilidade e valorizamos todas as vocações na Igreja?

Muitos estudantes e educadores conhecem pouco sobre a beleza e diversidade das vocações cristãs. Fala-se com frequência do matrimônio, mas pouco da vida consagrada. Menciona-se o trabalho, mas não se mostra que ele pode ser caminho de santidade. Oferecemos aos jovens a possibilidade de escutar testemunhos vocacionais reais? Celebramos a pluralidade de chamados que constroem a Igreja e transformam o mundo?

4. Qual a relação entre vocação, cidadania e compromisso social?

A vocação cristã está sempre ligada ao serviço. Discernir a própria vocação é também perceber as dores do mundo e perguntar-se: o que posso fazer? Em nossas escolas, ajudamos os estudantes a relacionar sua fé com a justiça, sua espiritualidade com a transformação social, sua identidade com o bem comum? Ou os mantemos em uma bolha, longe das urgências do tempo presente?

“Toda pastoral é vocacional, toda formação é vocacional, toda espiritualidade é vocacional.”

(Christus Vivit, 254)

Sugestões para vivenciar o mês vocacional

Dimensão da IDENTIDADE

- **Oficina “Quem sou eu?”**: atividade de escuta e expressão (com desenhos, palavras, músicas ou objetos simbólicos) em que os estudantes compartilham algo sobre si, suas raízes e sonhos. Pode ser realizada em aulas de Linguagens, Ensino Religioso, História ou mesmo em algum encontro de Pastoral.
- **Painel “Chamados pelo nome”**: exposição com os nomes e significados dos estudantes, com frases vocacionais e bíblicas que celebrem a dignidade única de cada pessoa (cf. Is 43,1).
- **Podcast estudantil “Minha história tem valor”**: série de entrevistas com membros da comunidade educativa (alunos, professores, funcionários) contando sua trajetória e identidade vocacional. Pode ser feito em parceria com o setor de marketing da escola.
- **Intervenção do espelho**: durante o recreio, coloque um espelho grande no centro do pátio, com um cartaz que diga: “Como Deus me vê?”. Ao lado, disponibilize post-its e canetas para que os estudantes possam olhar-se no espelho por um minuto e, em seguida, escrever uma palavra ou qualidade que reconhecem em si mesmos. Esses post-its podem ser colados ao redor do espelho, formando um painel coletivo de autoestima e identidade vocacional.

Dimensão do SENTIDO

- **Roda de conversa “O que dá sentido à minha vida?”:** partilha orientada por perguntas simples, com espaço para dúvidas, testemunhos e escuta profunda. Pode ser realizado em encontros de projeto de vida.
- **Mural “Minha vida vale a pena porque...”:** espaço coletivo de escrita/reflexão com frases anônimas dos estudantes sobre o que os faz acordar com vontade de viver. Pode ser um mural, uma intervenção no recreio etc.
- **Sessão de cinema com debate:** exibição de filmes que provoquem questões de sentido, como A Vida é Bela, O Pequeno Príncipe, Soul ou Extraordinário.
- **Cartas para mim mesmo:** cada estudante escreve uma carta para si no futuro, refletindo sobre o que deseja manter como essencial na vida. Pode ser uma atividade das aulas de Produção de texto.

Dimensão do SERVIÇO

- **Semana vocacional com testemunhos vivos:** convidar pessoas de diferentes vocações (casados, consagrados, leigos engajados, profissionais com causa) para breves falas nas turmas.
- **“Dia do cuidado”:** ação solidária com oficinas, arrecadações ou visitas a lares, creches, hospitais ou comunidades vulneráveis.
- **Projeto “Você é importante”:** campanha de valorização dos trabalhadores da escola (limpeza, portaria, cozinha etc.) com homenagens, cartinhas e entrevistas vocacionais.
- **Clube da missão:** grupo extracurricular para estudantes com interesse em projetos sociais, de voluntariado e iniciativas de solidariedade.

Dimensão da TRANSCENDÊNCIA

- **Minutos de silêncio e meditação:** ao início das aulas ou em momentos especiais, oferecer instantes de silêncio interior com frases inspiradoras ou breves orações. Pode-se utilizar a oração do mês vocacional 2025.
- **Espaço da escuta:** criar um ambiente simples, simbólico e acolhedor onde estudantes possam parar, escrever pedidos de oração ou conversar com alguém preparado para escutá-los.
- **Celebração vocacional:** momento orante com a comunidade educativa, finalizado com uma bênção pessoal a cada estudante, como expressão do amor e do chamado de Deus.



Recursos

Oração vocacional (S. Paulo VI)

Senhor, pelo batismo vós nos chamastes à santidade e à cooperação generosa na salvação do mundo. Na messe que é grande, auxiliai-nos a corresponder à nossa missão de membros do Povo de Deus. Qualquer que seja o chamado, que cada um de nós seja verdadeiramente outro Cristo no meio dos homens.

Ó Senhor, por intercessão de Maria, Mãe da Igreja, concedei-nos o dom misericordioso de muitas e santas vocações sacerdotais, religiosas, missionárias e leigas de que a Igreja necessita. Amém.

Outros materiais

Refrão meditativo

Texto formativo

Materiais gráficos e visuais

Subsídio “Hora vocacional 2025”

Associação Nacional de Educação Católica do Brasil - ANEC

Pe. João Batista Gomes de Lima

Diretor-presidente

Ir. Carolina Mureb Santos, FC

Diretora de Pastoral

Guinartt Diniz

Secretário Executivo

Gregory Rial

Coordenador do Setor de Animação Pastoral

pastoral@anec.org.br

80
ANOS  **ANEC**